

# A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: PONTOS DE CONTATO E DE CONTRASTE ENTRE DUAS COLEÇÕES

Anderson Rany Cardoso da Silva<sup>1</sup>

Danielle da Silva Santos<sup>2</sup>

Prof<sup>a</sup>. Josefa Adriana Gregório de Souza - ORIENTADORA<sup>3</sup>

## RESUMO:

O presente trabalho volta-se não somente para uma análise da variação linguística em Livros Didáticos de Língua Portuguesa, mas também apresenta como principal objetivo observar o tratamento que esses materiais de apoio pedagógico dão aos temas que envolvem a variação linguística. Como lastro teórico em que se assentam nossas discussões apoiamos-nos, principalmente, em Bagno (2003 e 2007) que pensa que a língua deve atender as mudanças sociais. Além de observar as orientações de Cezario/Votre (2010) e Lehmkuhl (2015). Dito isso, os nossos critérios de escolha para seleção do material de análise partiram da necessidade de analisar uma coleção que fosse mais antiga e outra mais recente, como forma de criar paradoxos em torno delas. Sendo assim, os livros didáticos selecionados foram: *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem* de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart (2012) e *Linguagem nova* de Faraco & Moura (2003), ambas as coleções do ensino fundamental II. Alguns resultados puderam ser empreendidos a partir da leitura e análise dessas obras: as coleções tratam da variação linguística apenas no 6º ano (antiga 5ª série) do ensino fundamental II. Além disso, o tema é tratado de forma mínima pelos livros, sendo assim, apenas uma pequena parte é dedicada para tratar do assunto. E por último, e não menos importante, as obras não dão atenção necessária para a pluralidade linguística existente na sociedade. Priorizando, assim, apenas variedades regionais.

**Palavras-chaves:** Variação linguística. Livros didáticos de Língua Portuguesa. Sociolinguística.

## INTRODUÇÃO:

Partindo da premissa de que não somente a sala de aula, mas a sociedade no geral além de se transformar, sofre mudanças constantes que interferem no modo como cada cidadão faz uso dos recursos linguísticos, é preciso que os Livros Didáticos de Língua Portuguesa (*doravante* LDPs) acompanhem essas mudanças e relacionem, segundo Bagno

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa no campus VI da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pesquisador no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e monitor de metodologia científica na instituição referida anteriormente.

<sup>2</sup> Discente do curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa no campus VI da Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>3</sup> Especialista em estudos linguísticos e literários pela Universidade Estadual da Paraíba (2014). Possui graduação em Letras – Licenciatura plena em Língua Portuguesa na referida instituição. Atua como professora substituta no campus VI na mesma instituição.

(2007, p. 38) “a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social”, uma vez que, ainda segundo o autor, “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra” (*idem*).

Em outras palavras, não há como as coleções de LDPs que circularam ou estão circulando nas escolas fugirem dessa realidade e tentarem esconder que língua e sociedade caminham ladeadas. Nem muito menos tentarem omitir os pressupostos da sociolinguística, que na esteira de Lehmkuhl (2015, p. 13) “é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”. Dessa forma, um material que não aborda esses conceitos voltados à sociolinguística é de certa forma um material que foge aos pressupostos da virada linguística.

Além disso, trazer a variação linguística (*doravante* VL) a tona nas obras é sinônimo de mostrar aos alunos que a língua não é uma estrutura autônoma. E não apenas isso, é se preocupar em esclarecer às pessoas que não é porque elas falam de determinada maneira, socialmente considerada errada, que elas podem ser estigmatizadas ou sofrer o chamado preconceito linguístico. Nessa expectativa, nosso trabalho observa se algumas coleções de livros didáticos tratam do tema da variação linguística, e não apenas isso, mas também se pergunta: “qual tratamento é dado a esse tema pelos livros?”.

Dando continuidade, é importante observar alguns aspectos, que segundo Bagno (2007), são fundamentais na hora de fazer análises de obras didáticas. Sendo assim, seguiremos ao longo deste trabalho um roteiro para analisar os livros didáticos, proposto pelo autor no livro *Nada na língua é por acaso*, publicado em 2007 pela parábola editorial.

O primeiro passo a ser observado é se realmente os LDPs tratam da variação linguística, pois se o LDP não aborda a variação linguística em nenhum momento do texto “ele já se revela fora de sintonia com as propostas mais recentes” (BAGNO, 2007, p. 125). Diante disso, se torna o eixo primordial desse trabalho: partir da observação do material para em seguida, empreender outras discussões que remetam à VL.

Posterior a isso, vem à segunda etapa da pesquisa: “O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de língua que existe no Brasil”, pois, como é de conhecimento de todos, vivemos em uma cultura que muito distante é adepta do monolinguísmo. É quase que ignorância afirmar que todos os brasileiros falam da mesma forma ou que nenhum apresenta variáveis em seus atos de fala ou escrita; o terceiro ponto a ser estudado é se as obras selecionadas para a pesquisa limitam as variedades linguísticas apenas àquelas pessoas de comunidades rurais, isto é, se esses livros estigmatizam as variedades rurais ou não.

O quarto passo é observar se a obra apresenta variantes características das variedades prestigiadas, pois segundo disserta Bagno (2007, p.129), “mesmo aqueles livros didáticos que conseguem tratar da variação linguística de maneira relativamente satisfatória acabam deixando de lado as variedades urbanas”, isto é, são poucas as situações de que os/as autores/autoras de LDPs tratam em suas obras das variedades prestigiadas, ainda mais se essas variedades foram advindas de grandes metrópoles brasileiras.

O quinto passo é fazer, de acordo com Bagno (2007), a seguinte pergunta: “O tratamento da VL no material de análise fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?”. Diante disso, é de suma importância ressaltar que muitos livros abordam apenas o sotaque, a forma como cada população irá se expressar, seja de forma escrita ou falada. Dessa forma, estigmatizando o léxico de muitos indivíduos.

O sexto passo é perceber se o material mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos da gramática ou continua a tratar, em outras seções, do certo e do errado. Pois, segundo Bagno (2007, p. 135) é inconsistente “pedir respeito e tolerância diante da variação linguística e dizer, nos exercício de gramática, que usar o pronome *ele* como objeto direto é um erro”. De outro modo, é sem lógica pedir respeito e tolerância para variação linguística alheia e determinar o que é certo e errado em outras etapas do material didático.

O próximo ponto é se prender a observar se o livro aborda o fenômeno da mudança linguística e se sim, como isso ocorre. E o último passo é ver se os autores dos LDPs apresentar a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma padrão, pois, na maioria das situações, muitos livros apenas fazem uma exposição/descrição da variação linguística, mas o que vemos, na veracidade dos fatos, é que esses livros bebem da tradição e defendem que os usuários da língua portuguesa devem seguir inúmeras regras.

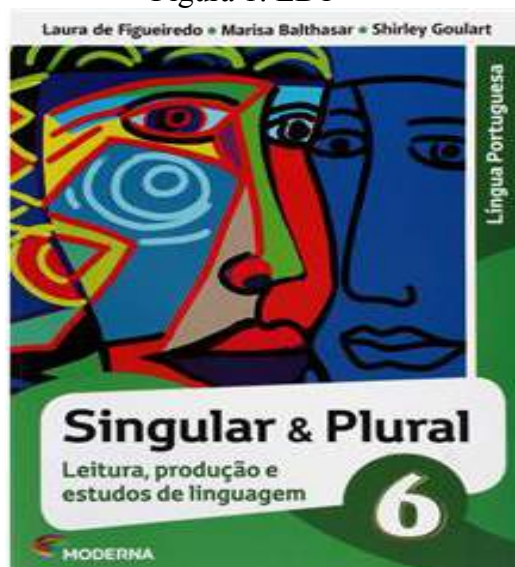
Logo, esses são os passos que a análise seguirá ao decorrer desse trabalho. Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é observar se, de fato, os LDPs trabalham com a variação linguística. E através disso, pensar se o conteúdo está sendo transmitido coerentemente aos alunos, se o material didático mesmo tratando do assunto em questão, o que vale mesmo é a valorização de aspectos gramaticais advindos da tradição.

## TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para a escolha do material de análise alguns critérios foram desenvolvidos, entre eles a aprovação dos livros pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), organização responsável por aprovar ou não os livros que irão circular nas escolas brasileiras de educação básica. Além disso, optamos por uma coleção mais antiga e outra mais recente. Dito isso, deteremos nossos olhares para um LDP de 2003 e outro de 2012, como uma forma de tentar perceber as mudanças temáticas que foram realizadas no corpo textual desses livros, que na maioria das situações, são o norte que muitos professores seguem para planejar suas práticas pedagógicas.

Dito isso, o primeiro livro selecionado foi *Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem* (doravante LD1) das autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart. A primeira, como o próprio livro referencia, é professora em programas de formação continuada das redes estadual e municipal de São Paulo. A segunda e a terceira são professoras em escolas particulares de ensino superior.

Figura 1: LD1



**Fonte:** [http://textosteatro.blogspot.com.br/2013\\_09\\_01\\_archive.html](http://textosteatro.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html). Acesso em 03 de maio de 2016.

Já o segundo foi *Linguagem nova* (doravante LD2) de Carlos Alberto Faraco e Francisco de Marto Moura. O primeiro autor é um professor titular, que no momento é

aposentado, da Universidade Federal do Paraná, enquanto ao segundo não conseguimos encontrar informações sobre ele.

Figura 2 LD2



**Fonte:** <http://www.buscape.com.br/livros/faraco?pagina=2>. Acesso em 03 de maio de 2016.

Diante de tudo que foi mencionado anteriormente, o LD1 intitulado *Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem* de Figueiredo, Balthasar e Goulart que se comprometem em dividir a obra a partir de três áreas de conhecimentos: Caderno de leitura e produção, caderno de práticas de literatura e caderno de estudos de língua e linguagem. Nessa perspectiva, o que nos interessa neste trabalho é a última, uma vez que nessa seção as autoras vão expor estudos linguísticos. Trazendo, dessa forma, um capítulo inteiro<sup>4</sup> sobre pensamentos que são da sociolinguística.

Com isso, para apresentar o *Caderno de Estudos de Língua e Linguagem* elas dissertam o seguinte texto: “Você vai refletir sobre o que é, afinal, essa nossa língua portuguesa, que são tantas em uma só! Com tudo o que já sabe sobre essa língua que você fala e escreve, vai se surpreender com o que ainda há pra saber sobre seus usos”. Dito isso, apesar delas defenderem o exercício da reflexão em torno dos aspectos linguísticos, elas simplesmente não promovem tal atividade ao apresentarem o corpo do texto ao seu leitor/usuário do material. É o que veremos adiante com uma análise mais profunda do texto!

É importante afirmar antes de tudo que ambos os LDPs selecionados tratam (ou tentam tratar) da variação linguística, seja de forma positiva ou negativa. Por esse motivo, a análise deles é imprescindível e, pensando que, é a partir dessa afirmação que outras podem ser desenroladas depois da leitura dos textos.

---

<sup>4</sup> Tomaremos como base de análise o capítulo 2 “*A língua como um conjunto de variedades*” que pertence ao *Caderno de estudos de língua e linguagem*.

Dando continuidade, as autoras deixam bem claro, infelizmente, que um dos focos do material é retratar o sotaque de cada região do Brasil, seja ela interiorana ou metropolitana. Sendo que, apesar de trazerem duas variedades, rurais e urbanas, elas não conseguem fazer com que os leitores reflitam acerca dessas duas variedades e apenas as expõe como forma de explicar que pessoas de um determinado lugar falam de uma forma e de outro lugar se expressam de outra maneira. Sendo assim, foge do que esperávamos do texto que era de retratar a pluralidade linguística do país, advinda da heterogeneidade social e não apenas focar em poucas variedades, como a do “boy” da metrópole ou então a dona de casa do interior paulista, como pode ser visto nas tirinhas abaixo.



Figura 3 LD1 *Singular e plural*, p. 199, 2012.<sup>5</sup>



Figura 4 LD1 *Singular e plural*, p. 199, 2012.

A partir da visualização das tirinhas, é possível perceber que o grande enfoque das autoras do material em análise é destacar o sotaque de cada um dos personagens. Para tanto, elas deixam, inclusive, palavras próprias do sotaque dos personagens do *Mutum*, em negrito, como por exemplo: *fartura* e *fartando*. Além disso, elas trazem uma pequena exposição do que seria sotaque, provando, dessa forma, que um dos enfoques das obras, quando o assunto é variação linguística é tratar dos sotaques. Vejamos abaixo:

<sup>5</sup> Todas as imagens que estão em circulação neste tópico de análise foram retiradas dos LDPs a partir da digitalização do material.

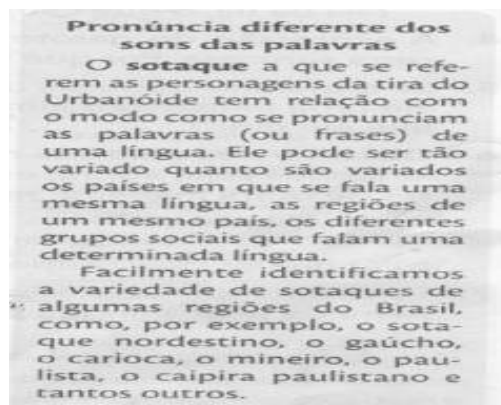


Figura 5 LD1 *Singular e plural*, p. 199, 2012.

Mas nem tudo pode ser considerado negativo na exposição desses textos, tendo em vista que o LD1 não foca apenas na variedade regional do interior. Ela expõe aos leitores, o modo de falar, tanto das pessoas que habitam pequenos lugares, como também aborda a variedade dos grandes centros urbanos. Contrariando, assim, as palavras de Bagno (2007):

Mesmo os livros didáticos que conseguem tratar da variação linguística de maneira relativamente satisfatória acabam deixando de lado as variedades urbanas. Por causa do prestígio socialmente conferido à fala dos cidadãos urbanos mais letrados, fica a ilusão de que eles se comportam linguisticamente de acordo com as prescrições da gramática normativa. (BAGNO, 2007, p. 129).

Diante disso, percebemos que autoras têm uma atitude feliz em se tratando de abordar não somente as variedades do interior, mas também traz as variedades urbanas para o plano linguístico.

Ainda podemos destacar que o LD1 busca, mesmo que forma reduzida, trechos que mostram ao leitor que a língua sofre mudanças constantes. Inclusive, um dos tópicos do livro é intitulado de *Língua e mudança*. Além disso, evidencia que a língua é viva e encontra-se em constante movimento. Como podemos constatar logo a seguir:

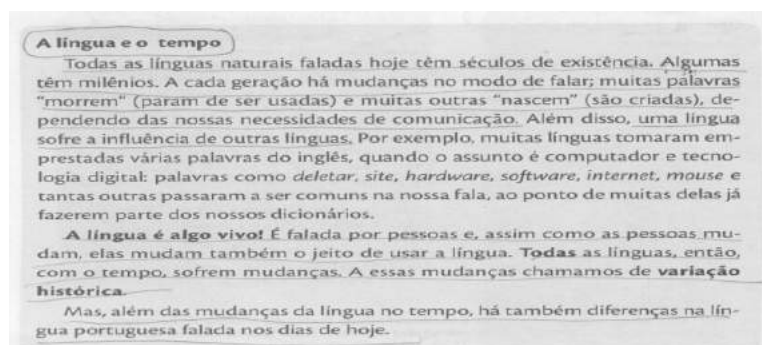


Figura 6 LD1 *Singular e plural*, p. 198, 2012.

Outro ponto muito retratado pelas autoras é sobre a fala. Constantemente elas evidenciam que o ato de falar pode ser redirecionado, dependendo da situação, seja ela formal ou informal. Uma observação a ser feita é que poucas vezes elas vão beber das orientações linguísticas para a escrita, quando o assunto é a variação linguística. Logo, leiamos o texto a seguir que pode ser encontrado no LD1:

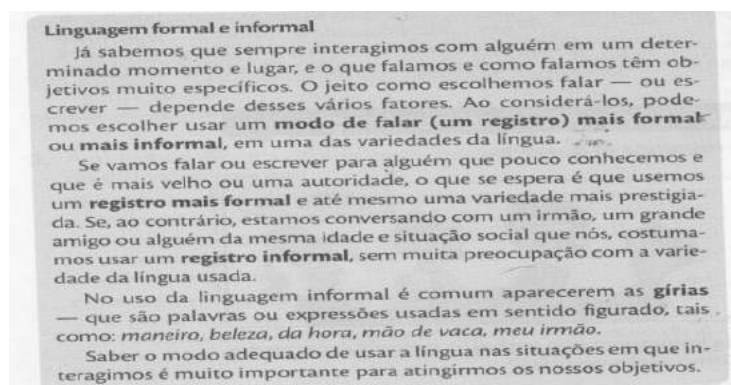


Figura 7 LD1 *Singular e plural*, p. 206, 2012.

Sendo assim, o LD1 tenta ao máximo trazer para o usuário da obra, exemplificações que mostrem o uso real da língua, expondo que a fala não pode ser única e exclusivamente algo do campo formal, mas também há as variações informais. Outro aspecto do livro, e esse negativo, é que as autoras do material didático, apesar de beberem na teoria sociolinguística, não conseguem deixar de lado o fantasma da tradição e continuam trazendo exercícios em que os alunos precisam corrigir ou então adequar trechos de fala ou escrita para a norma oculta.

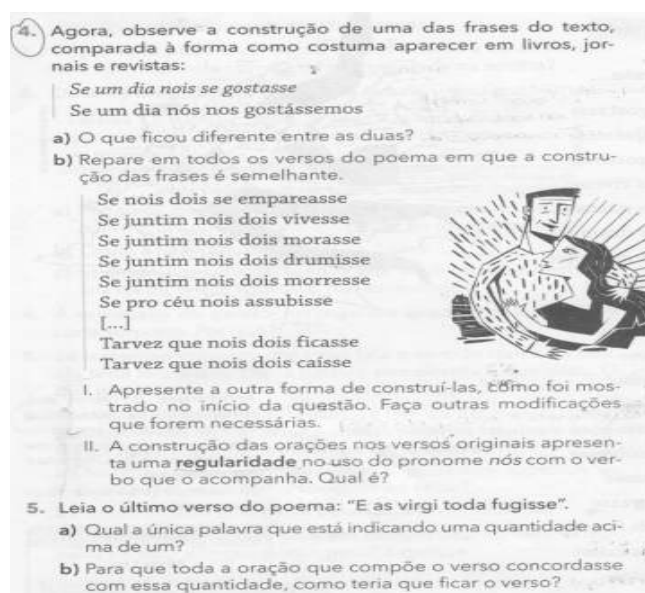


Figura 8 LD1 *Singular e plural*, p. 202, 2012.



Diante disso, apesar do LD1 trazer todo um discurso emoldurado da variação linguística, ele não consegue, ao final das contas, fugir de aspectos voltados à tradição. Dessa forma, cobra dos alunos a passagem de um determinado trecho para norma padrão. Valorizando, assim, regras gramaticais. Além disso, não consegue cumprir com o que diz no conteúdo, uma vez que faz exposição de ideias sociolinguística e quando vamos analisar os exercícios, percebemos que o livro ainda aborda as famosas atividades do “passar para a norma culta” ou adequar os “erros”, como muitos preferem.

O segundo material analisado, como dito anteriormente, foi *linguagem nova* dos autores Faraco e Moura, que diferente do LD1, dedica apenas uma pequena parte do livro para tratar do assunto da variação linguística. Sendo assim, evidencia uma das diferenças entre os LDPs, tendo em vista que um deles reserva um capítulo inteiro para tratar do assunto, enquanto outro se detém a mostrar apenas em uma pequena parte. Para tanto, Faraco e Moura (2003) preferem, ao invés de um capítulo inteiro, reservar o tema da variação linguística apenas a um texto e um exercício. Como podemos perceber nas imagens:

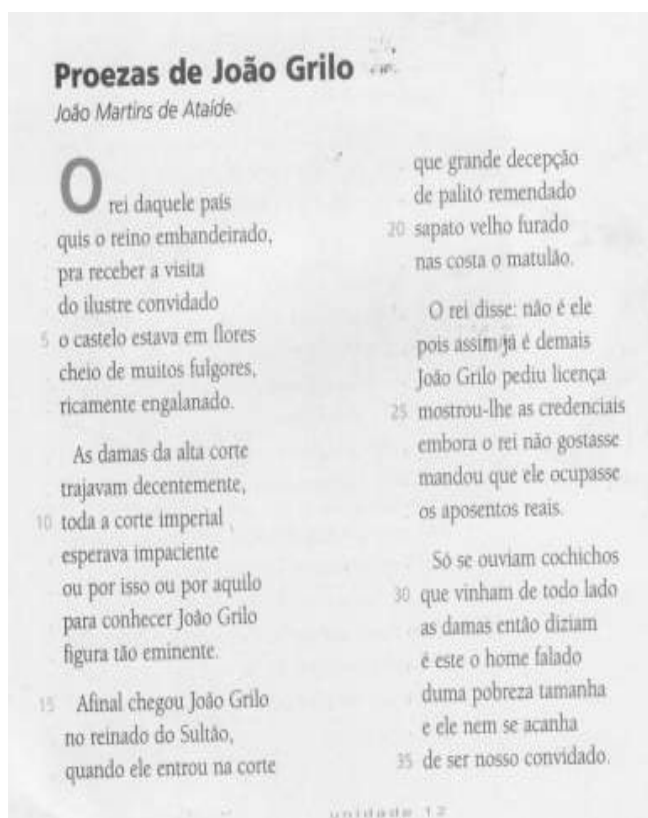


Figura 9 LD2 *Linguagem nova*, p. 208, 2003.

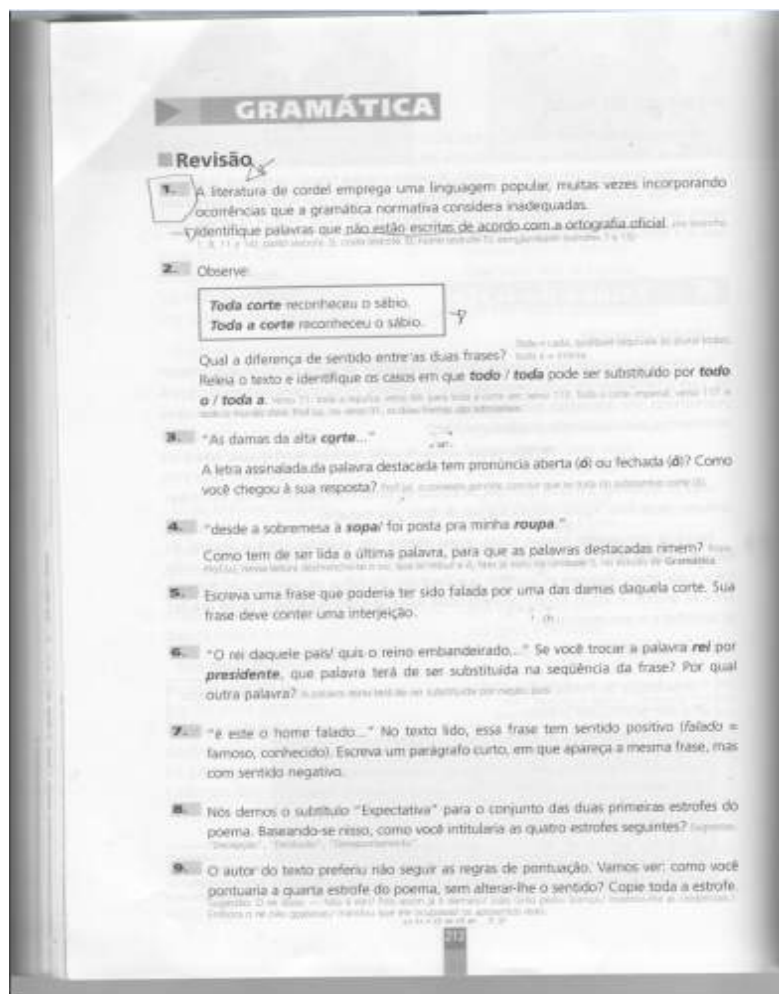


Figura 10 LD2 Linguagem nova, p. 212, 2003.

As fotos remetem a única parte do livro em que os autores buscam aparato na sociolinguística para falar da VL. Sendo assim, mesmo em um minúsculo espaço reservado ao assunto, os autores não conseguem abordar o assunto de forma consistente, uma vez que faz uso da VL somente para dizer que o que vale mesmo, no final das contas, é a norma padrão. O que segundo Bagno (2007, p. 138) “é uma forma sutil de preconceito linguístico: abordar a variação, mostrar que a língua é heterogênea para, no final, insistir na preservação de um modelo idealizado de língua, de um padrão normativo extremamente rígido e conservador”.

É possível apontar que isso existe no material analisado a partir do momento que a primeira questão do exercício de revisão gramatical pede o seguinte: “Identifique palavras que não estão escritas de acordo com a ortografia oficial”. E como sabemos, questões desse tipo além de serem ofensiva aos postulados da sociolinguística, desmerecem a cultura nordestina, a qual é empregada constantemente no texto trabalhado.

Ademais, o LD2 também não revela a pluralidade de línguas existente em meio à sociedade brasileira. Como não se fosse muito, faz um movimento contrário, tenta apagar

marcas que são exclusivas da cultura do povo do Nordeste. Se limitando não apenas a explorar variedades regionais, mas também estigmatizá-las. É válido ressaltar que o LD2 não apresenta características das variedades prestigiadas e nem aborda o tema da mudança linguística ao remeter à variação linguística.

Dessa forma, apesar de Faraco e Moura apresentarem aos leitores que “linguagens diversas precisam ser compreendidas, analisadas e utilizadas” (FARACO&MOURA, p. 05, 2003), eles não conseguem dá conta de promoverem tal movimento de: Compreender, analisar e utilizar das diversas linguagens. Ao contrário, eles solicitam o apagamento de determinadas linguísticas ao pedirem que os alunos identifiquem palavras que não estão de acordo com a norma padrão.

### **CONCLUSÕES:**

As análises empreendidas da leitura dos materiais didáticos foram de suma importância, não somente para atentarmos ao fato de que, a maioria dos LDPs, trata de diversos assuntos de maneira inconsistente, mas também para percebemos que há uma política de mascaramento nos livros, isto é, apesar de se comprometerem a levar o aluno a refletir sobre as diversas linguagens, o que o livro faz, ao final das contas, é sempre valorizar a norma padrão e continuar, dessa forma, sendo assombrado pelo fantasma da tradição.

Dito isso, podemos dizer que o LD1 aponta para um trabalho longo da variação linguística, porém não consegue fazer isso de maneira coerente, uma vez que, em quase todas as situações, somente se prende ao léxico/sotaque ou então trata apenas de variedades que são desprestigiadas/estigmatizadas socialmente. Quanto ao LD2, mesmo reservando uma pequena parte do material ao assunto, o que os autores nutrem, através do texto e exercício analisado anteriormente, é a tradição, cobrando dos alunos o exercício de identificação de termos que não estão de acordo com a ditadura gramaticeira.

### **REFERÊNCIAS:**

- BAGNO, Marcos. Mas o que é mesmo variação linguística?. In: \_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. Rio de Janeiro: Parábola editorial, 2007. p. 35-57.
- BAGNO, Marcos. A variação linguística nos livros didáticos. In: \_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. Rio de Janeiro: Parábola editorial, 2007. p. 35-57.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta:** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

CEZARIO, Maria Maura. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 141-155.

FARACO&MOURA. **Linguagem nova**. São Paulo: Editora ática, 2003.

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. São Paulo: Moderna, 2012.

LEHMKUHL, Izete. O estudo da linguagem no contexto social. In: \_\_\_\_\_. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-54.